

Moratória deu prejuízo de quase US\$ 1 bilhão

O Governo resolveu mudar completamente sua estratégia de negociação da dívida externa após constatar que ela não produziu, dois anos após o confronto com o Fundo Monetário Internacional e os credores, qualquer avanço nos dois objetivos a que se propôs. Não ficou demonstrada a premissa de que o sistema financeiro internacional seria gravemente abalado pela moratória brasileira; ao contrário: a relação entre credor e devedor basicamente não mudou. Frustrou-se também a intenção de proteger as reservas cambiais com o bloqueio do pagamento aos bancos privados. A consequência, segundo o Governo, é que o clima foi tão adverso que, no fim das contas, houve um prejuízo entre US\$ 700 milhões e US\$ 1 bilhão (CZ\$ 6,3 bilhões e CZ\$ 12,2 bilhões).

Este diagnóstico, inspirado pelo Embaixador Rubens Ricúpero

(ex-Assessor Especial do Presidente Sarney, hoje em Genebra), formulado pelo banqueiro Marcílio Marques Moreira, Embaixador em Washington, e avaliado pelo Secretário Particular do Presidente, Jorge Murad, tornou-se irrefutável com a chegada de Mailson da Nóbrega — ex-dirigente brasileiro no Eurobrás (entidade de capitais mistos), em Londres — ao Ministério da Fazenda. Ou seja, Sarney passou de um pólo ao outro, convencido por argumentos de especialistas mais sensíveis ao mundo financeiro. Segundo este ponto de vista, o pensamento do ex-Ministro Dilson Funaro tinha uma só e a mais cruel das falhas, embora óbvia — simplesmente não previa o passo seguinte. Três meses depois que o Brasil anunciou a moratória, os bancos responderam com uma demonstração de que estavam preparados para enfrentá-la.